

Panorama da pecuária de corte no bioma cerrado

Marco Antônio de Oliveira Viu¹; Luciano Cavalcante Muniz²; José Benedito de Freitas Trovo³; Cláudio de Ulhôa Magnabosco⁴; Geraldo Bueno Martha Júnior⁴

¹ Professor da Escola de Veterinária – UFG/Jataí

² Doutorando em Ciência Animal – EV/UFG

³ Pesquisador EMBRAPA - CENARGEN

⁴ Pesquisadores EMBRAPA Cerrados

RESUMO:

Objetivou-se neste artigo traçar um panorama da pecuária de corte no Bioma Cerrado. O território nacional ocupa uma área de 8.514.877 km², sendo que as áreas ocupadas com este Bioma representam aproximadamente 23% deste total, algo em torno de 204 milhões de hectares, constituindo a maior área contínua com potencial para produção de alimentos, apresentando uma privilegiada localização central, recursos hídricos abundantes, topografia e climas favoráveis. A situação econômica do pecuarista foi crítica nos últimos anos em razão de ganhos insuficientes em produtividade e em relações de trocas, acompanhado pela redução no poder de compra do setor agropecuário. O enfoque pontual na gestão do sistema de produção e a carência de análise e de interpretação das informações disponíveis determinam, em muitas situações, decisões equivocadas, que freqüentemente fazem com que técnicas e tecnologias aparentemente corretas proporcionem inúmeros casos de insucesso e prejuízos nas propriedades. O cenário

dos próximos anos para a pecuária de corte brasileira é de recuperação de preços, visto que a demanda mundial é crescente e deve aumentar ainda mais até 2009. Isso permite supor que haverá forte recuperação dos preços neste período. Também é de se esperar a retomada de investimentos tanto no aumento da produção quanto da produtividade. Neste momento, avaliar no âmbito técnico, econômico e ambiental os modelos produtivos vigentes e a adoção de novas práticas de produção animal, tem sido reconhecido como vital para promover o desenvolvimento econômico e sustentável da atividade.

I- INTRODUÇÃO

Toda e qualquer atividade produtiva deve ter por premissa básica a busca de resultados eficientes em termos técnicos de produção e sobretudo em termos econômicos. Não se pode imaginar uma atividade produtiva e empresarial que não tenha por objetivo a busca de resultados econômicos sólidos e convincentes.

No contexto macro-econômico, a participação de toda a cadeia produtiva da Agroindústria tem papel fundamental. A agropecuária de um modo em geral e a produção de carne bovina em específico, apresentam resultados importantes em termos econômicos e sociais ao país. Dados apresentados pelo boletim da SCHERING-PLOUGH (2007), mostram que as exportações de carne bovina congelada, fresca ou resfriada, chegaram ao montante de 1.593.036 toneladas no ano de 2006, com estimativas de crescimento para o ano de 2007 na ordem de 3,6%.

Contudo o cenário econômico nacional sofreu profundas transformações nas últimas décadas, com destaque para o plano de estabilização da economia brasileira (Plano Real). Como consequência

da maior estabilidade econômica do país os conceitos gerenciais das propriedades rurais modificaram-se radicalmente, prevalecendo a importância de controlar melhor os custos de produção e a viabilidade econômica do empreendimento.

A pecuária bovina de corte nacional vive um momento bastante complexo. A última década tem sido particularmente difícil para este setor do agronegócio. Por um lado, custos de produção crescentes, por outro, os preços recebidos pelos produtos não aumentaram na mesma proporção. Desse modo, houve uma perda nos termos de troca da pecuária no período de 1990/2004, que se deterioraram ainda mais nos últimos anos (MARTHA JÚNIOR et al., 2007a)

Em valores nominais, computando-se o efeito conjunto da desvalorização da arroba do boi gordo e do aumento no custo de produção, o setor acumulou perdas próximas a 40% no período de março de 2003 a dezembro de 2006 (CNA/CEPEA, 2004, 2006).

A situação econômica do pecuarista tem se tornado ainda mais crítica em razão de ganhos insuficientes em produtividade, que em associação com as piores relações de troca, determinaram redução no poder de compra do setor. A percepção dos produtores para a queda na rentabilidade da pecuária de corte foi captada por pesquisa divulgada em maio de 2006, pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA (CNA, 2006). Os resultados revelaram que 75% dos entrevistados tiveram redução na renda desde 2004 e que outros 23% viram sua renda diminuir a partir de 2005. *Apenas 2% dos pecuaristas responderam que não tiveram redução de renda no passado recente!*

A análise de diversos indicadores permite concluir que os preços dos produtos da pecuária devem melhorar a partir dos próximos meses,

possivelmente entrando em um novo ciclo de alta, fato que não exclui a necessidade de planejamento e investimentos em produtividade para ampliação dos ganhos quando os preços forem favoráveis e para minimizar o risco de receitas insuficientes para remunerar os fatores de produção quando os preços estiverem menos favoráveis. A razão é simples, como a influência do produtor sobre os termos de troca é limitada, em razão do caráter de concorrência perfeita da atividade, o caminho para assegurar melhor poder de compra é aumentar a produtividade de modo eficiente e com menor custo possível para reduzir os custos médios de produção (MARTHA JÚNIOR et al., 2007a).

O processo de tomada de decisão pelo produtor rural é complexo e, quase sempre, marcado por múltiplos objetivos, sendo que alguns não são de natureza econômica (CEZAR et al., 2000). Entretanto, a decisão do pecuarista é sempre guiada pela insatisfação com a situação atual de sua atividade como negócio.

O cenário dos próximos anos para a pecuária de corte brasileira é de recuperação de preços, visto que a demanda mundial é crescente e deve aumentar ainda mais até 2009. Isso permite supor que haverá forte recuperação dos preços neste período. Também é de se esperar a retomada de investimentos tanto no aumento da produção quanto da produtividade.

Observa-se porém, que poucos pecuaristas têm adotado um processo de planejamento do sistema com visão abrangente, tendo limitado suas atividades gerenciais a adoção de uma determinada técnica ou insumo, visando, prioritariamente, à solução de um problema pontual, o qual julga ser o gargalo do sistema de produção (MARTHA JÚNIOR et al., 2002).

II- HISTÓRICO DA ATIVIDADE

Tradicionalmente, a pecuária de corte tem sido uma atividade pioneira, ligada à ocupação de regiões de fronteira. A conjuntura durante o período de ocupação do Cerrado estimulou um modelo de produção apoiado na utilização intensa do fator terra e dos recursos naturais (extrativismo), em detrimento da intensificação no uso de capital (MARTHA JÚNIOR et al., 2006).

Segundo NEHMI FILHO (2000), "lucrar na pecuária está cada vez mais difícil, principalmente para aqueles que insistem com suas explorações em bases tradicionais, recusando-se a mudar a forma de conduzir a atividade".

Segundo NUNES et al. (2001), "desde os primeiros meses após a deflagração do Plano Real, observou-se que o comportamento dos preços dos alimentos para o consumidor, que aumentaram menos que a média dos demais preços da economia, contribuiu para a estabilização, pois permitiu a elevação dos salários reais sem que houvesse elevações dos salários nominais acima dos ganhos de produtividade. Para os sistemas agroindustriais em geral a queda da taxa de inflação pôs em cheque a prática de recompor margens quase automaticamente, deixando a corrosão do poder de compra da moeda resolver o problema da distribuição das rendas dentro de cada sistema agroindustrial".

NUNES et al. (2001) afirmam que a oferta agro-alimentar (produção mais importações) teve papel importante na estabilização. Ao transferir renda para os setores urbanos intensivos em mão-de-obra, pelo mecanismo de preços domésticos fortemente alinhados com os preços internacionais e câmbio valorizado, o setor agropecuário tenderia a se descapitalizar e reduzir a área e a produção. Esse mecanismo,

conhecido à época como “âncora verde” não seria sustentável no longo prazo. Entretanto, segundo NUNES et al. (2001), o que se viu na segunda metade da década de 90 não foi a desarticulação da agropecuária brasileira, mas um salto para frente. Ganhos de produtividade em todos os segmentos da cadeia produtiva permitiram conviver com o estreitamento de margens, provocada por uma exposição sem precedentes à concorrência internacional, pelo câmbio valorizado e por uma política monetária apertada.

Tais adversidades foram compensadas, segundo HOMEM DE MELO, citado por NUNES et al. (2001), por fatores que poderiam atenuar ou mesmo evitar a queda da rentabilidade do setor agropecuário: (i) elevações dos preços internacionais das commodities agrícolas no período 1994 a 1997 (café, soja, milho, algodão e suco de laranja); (ii) diminuições reais dos preços dos insumos; (iii) ganhos de produtividade; (iv) menor tributação.

Entretanto, nos últimos anos as margens de lucro proporcionadas pela pecuária de corte reduziram-se sensivelmente e, os ganhos financeiros e especulativos, antes comuns à rotina dos proprietários de terra, deixaram de existir (MARTHA JÚNIOR et al., 2007a, b).

Esses processos culminaram com uma realidade de perdas para o setor agropecuário frente aos demais segmentos da economia (Figura 1). Para a pecuária, ao contrário do que aconteceu com a agricultura, à exceção talvez das lavouras de exportação, a evolução dos preços dos insumos foram maiores que a do boi gordo.

III- ADAPTAÇÃO DA ATIVIDADE ÀS NOVAS CONJUNTURAS

NUNES et al. (2001), afirmam que a adaptação dos segmentos de recria e engorda à queda de preços e elevação relativa do custo dos insumos esteve centrada na intensificação dos ganhos de produtividade. Conforme relatam BITTENCOURT e CARRER, citados por NUNES et al. (2001), a implementação tecnológica ocorrida nos últimos anos, em especial para a fase de cria, dentre as quais podem-se citar os programas de melhoramento animal e os processos de cruzamento industrial, tem contribuído para elevar a produtividade nas fases subseqüentes, bem como, o desempenho dos elos seguintes da cadeia produtiva, como observado na Figura 2.

Por outro lado, há de se mencionar que o processo de capacitação produtiva não ocorre de forma homogênea, havendo marcantes disparidades intra e inter regionais para os sistemas produtivos que, são agravados frente às dimensões continentais do território brasileiro e a diversidade de ambientes produtivos, culturais e econômicos que caracterizam o país (NUNES et al., 2001).

IV- OCUPAÇÃO DO BIOMA CERRADO PELA PECUÁRIA

De acordo com o ANUALPEC (2006), a pecuária no Cerrado é responsável por 35% do contingente bovino nacional, perfazendo um total de 57,66 milhões de cabeças. A região do Cerrado brasileiro abrange uma ampla faixa de solos, localizada na zona central do território nacional, cobrindo mais de 200 milhões de hectares. Dos estados que compõem o Cerrado brasileiro, Goiás é o que possui a maior área de solo inserida nesse bioma (quase 100%), seguido por Tocantins (87,05%), Minas Gerais (65,98%), Piauí (64,71%), Mato

Grosso do Sul (61,75%), Mato Grosso (47,91%) e Distrito Federal (100%) (YOKOYAMA et al., 1998).

Grande parte das pastagens no Cerrado foi estabelecida depois da derrubada da vegetação nativa. No primeiro momento, observou-se o cultivo de uma cultura anual, geralmente o arroz, por um ou mais anos sucessivos e posterior semeadura da planta forrageira. O uso da cultura anual visava melhorar as condições de preparo do solo e a reduzir dos custos de implantação do pasto. Advogava-se que essa estratégia seria útil na correção da fertilidade do solo. Contudo, a quantidade de fertilizantes utilizada era pequena e, portanto, incapaz de sustentar elevadas produtividades de grãos e obviamente do pasto em sucessão à cultura. Em outras situações, o uso de fertilizantes na cultura de grãos era inexistente. A *B. decumbens*, que apresentava-se tolerante à baixa fertilidade do solo e ao mau manejo do pastejo, não resistiu ao modelo extrativista de exploração de pastagens em solos com aptidão agrícola desfavorável ao longo de sucessivos anos. Tal modelo de exploração de pastagens foi ainda mais prejudicial à *B. brizantha* cv. Marandu, que por ser mais exigente em manejo e em fertilidade do solo do que a *B. decumbens*, após quatro ou cinco anos de exploração já mostrava redução substancial na capacidade de suporte, na produtividade do pasto e do animal e, em certas situações, sinais avançados de degradação (MARTHA JÚNIOR et al., 2006).

Os sistemas de produção de bovinos mais utilizados no Cerrado foram, e continuam sendo, aqueles extensivos, baseados em plantas forrageiras adaptadas às condições edafoclimáticas da Região e no uso de quantidades limitadas de insumos. Como característica marcante desses sistemas, tem-se a utilização intensa do fator terra em detrimento da intensificação no uso de capital. Tal modelo de

produção consolidou-se em resposta aos estímulos macroeconômicos e às políticas públicas vigentes no país durante o período de rápida ocupação do Cerrado, em particular nas décadas de 70 e 80, citando-se, dentre outros: 1) investimentos em infra-estrutura; 2) disponibilidade de terra barata, e com expectativa de valorização do imóvel, em termos reais, no médio/longo prazo; 3) existência de programas para promover a ocupação e o desenvolvimento regional; 4) incentivo ao desenvolvimento de Instituições de Pesquisa e Ensino com o objetivo de dar respostas aos problemas da agricultura tropical à medida que esses fossem surgindo; 5) conjuntura macroeconômica instável naquela época, caracterizada, por exemplo, pela baixa credibilidade da moeda e pelas elevadas taxas de inflação, que incentivava atividades com baixo risco de produção (e de alta liquidez) e a procura por terra (MARTHA JÚNIOR et al., 2007c).

O reflexo econômico dessa pecuária de corte tradicional pode ser confirmado na Tabela 1, onde fica evidente que a curto prazo o produtor sobrevive na atividade pecuária, observação esta indicada pela margem bruta positiva, que está garantida até o final do período. Contudo, no longo prazo isto não ocorre com o pecuarista, tendo em vista o lucro operacional negativo a partir do quinto para o sexto ano MARTHA JÚNIOR & VILELA (2006).

TABELA 1 - Evolução projetada de indicadores técnicos e econômicos para a fase de recria-engorda da pecuária de corte extensiva na Região do Cerrado.

Índices Zootécnicos	Ano 1	Ano 2	Ano 3	Ano 4	Ano 5	Ano 6	Ano 7	Ano 8
Ganho de peso vivo (@/cab/ano)	4,99	4,99	4,99	4,99	4,99	4,99	4,99	4,99
Taxa de lotação (cab/ha/ano)	1,33	1,15	1,08	0,94	0,89	0,76	0,64	0,55
Taxa de lotação (UA/ha/ano)	1,23	1,06	1,00	0,87	0,82	0,69	0,58	0,50
Produtividade (@/ha/ano)	7,85	6,71	6,30	5,42	5,08	4,25	3,52	2,98
Avaliação Econômica	Ano 1	Ano 2	Ano 3	Ano 4	Ano 5	Ano 6	Ano 7	Ano 8
Margem bruta (R\$/ha/ano)	205,26	165,19	151,00	119,95	108,19	79,07	53,45	34,44
Lucro operacional (R\$/ha/ano)	119,71	79,65	65,45	34,40	22,64	-6,48	-32,09	-51,10
Custo operacional (R\$/cab.mês)	20,80	22,32	22,98	24,74	25,56	28,06	31,12	34,21
Custo Fixo (R\$/@)	2,50	2,94	3,14	3,67	3,92	4,73	5,78	6,91
Custo Operacional Efetivo (R\$/@)	45,50	45,82	45,96	46,35	46,54	47,13	47,89	48,72
Custo Operacional Total (R\$/@)	48,00	48,76	49,10	50,02	50,46	51,86	53,67	55,63
Reposição (% custo)	79,80	78,33	77,69	76,00	75,22	72,81	69,86	66,92

Fonte: adaptado de MARTHA JÚNIOR & VILELA (2002).

Esse cenário, ao longo de décadas, estimulou a expansão da pecuária de corte em áreas de vegetação nativa de regiões de fronteira e contribuiu para que a pecuária fosse encarada como reserva de capital, em vez de uma atividade cujo resultado econômico estimulasse seu desenvolvimento e aperfeiçoamento por meio de investimentos crescentes em tecnologia (MARTHA JÚNIOR et al., 2007a). Desse modo, historicamente, o aumento na produção de carne bovina no país se deu, prioritariamente, pela abertura de novas áreas em regiões de fronteira. Entretanto, ao longo da última década, em particular nos últimos anos, tem-se verificado que a estratégia de abertura de novas áreas perde força rapidamente junto aos diferentes agentes da sociedade, refletindo questões ambientais (MARTHA JÚNIOR et al., 2007a).

Essa constatação sinaliza que o modelo extrativista de produção pecuária precisa ser revisto urgentemente, sendo necessário buscar alternativas para aumentar a produtividade do sistema pastoril e adequar-se a essa nova realidade imposta ao setor produtivo (MARTHA JÚNIOR et al., 2007c). Todavia, a ausência de ações voltadas para a manutenção da capacidade produtiva das pastagens deixou seqüelas à base física do sistema (solo). Estima-se que 60% a 70% dos 61 milhões de hectares de pastagens cultivadas no Cerrado, se encontram em algum grau de degradação (VILELA et al., 2007).

Além disso, sabe-se que quanto mais avançado o grau de degradação do pasto, mais recursos são necessários para torná-lo produtivo novamente. Ressalte-se que a disponibilidade de capital necessário para restabelecer a capacidade produtiva da pastagem, tem sido limitada pela conjuntura macroeconômica do país e pela descapitalização do setor produtivo. Essa situação reflete os indicadores técnicos e econômicos da pecuária de corte em pastagens degradadas, que são insuficientes para garantir a sustentabilidade da atividade (MARTHA JÚNIOR et al., 2006).

De acordo com CORREA & SANTOS (2003), a degradação das pastagens tem contribuído para que a pecuária de corte apresente, há décadas, índices zootécnicos muito baixos, com lotação das pastagens em torno de 0,5 UA/ha/ano e produtividade na faixa de 100 kg de peso vivo/ha/ano (uma unidade animal, UA, equivale a um animal de 450 kg de peso vivo) o que acarreta baixas taxas de abate no Brasil em comparação com outros países, conforme pode ser observado na Tabela 2.

TABELA 2 - Taxas de abate (%) mundiais do rebanho bovinos de 1999 a 2006.

Países	Taxa de Abate (%) / Ano							
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Rússia	40	41	41	42	44	45	45	47
China	30	31	32	34	35	36	38	40
EUA*	38	39	38	38	39	35	34	35
Austrália	32	31	31	33	35	32	31	30
Canadá	30	28	28	28	24	29	30	30
Argentina	26	26	24	24	26	30	29	27
Brasil	22	22	23	23	24	25	26	24

* Estados Unidos da América. Adaptado de ANUALPEC (2006).

Nesse contexto e considerando a crescente demanda por proteína de origem animal, pode-se afirmar que aumentar os desempenhos produtivo e econômico da atividade constitui o objetivo mais importante para produzir de forma econômica, eficiente e competitiva.

A melhoria da eficiência nos sistemas de produção de gado de corte pode ser obtida de diversas formas, entre elas, o desenvolvimento de sistemas especializados, como a fase de cria, recria ou engorda. Entretanto, a utilização de tecnologias, como a busca pelo melhoramento genético e aumento na capacidade de suporte das pastagens, é responsável por incrementos importantes nos índices zootécnicos dos rebanhos (EUCLIDES FILHO, 2000).

V- ESTADO DA ARTE

Dados de CAVALCANTI (2007) demonstraram que a produção brasileira de carne bovina vem crescendo consideravelmente, chegando a 4,18% de crescimento do ano de 2005 para 2006. O crescimento foi ainda mais alto para a carne bovina industrializada, chegando em 2006, a 14,9% de aumento em relação a 2005. Este crescimento da produção brasileira de carne, na sua maioria, é proveniente do aumento da eficiência de produção de áreas já exploradas pela bovinocultura; pelo aumento da produtividade por área em tradicionais estados produtores como Goiás, São Paulo, entre outros, e pela abertura de novas áreas de produção, fronteiras agrícolas, como o Pará e Mato Grosso, que vem aumentando o número efetivo de seus rebanhos (Figura 3).

No item exportação da carne bovina o Brasil é líder mundial (Tabela 3), sendo que nos últimos anos tem conseguido resultados bem além das previsões mais otimistas. Segundo POLAQUINI et al. (2006), pode-se inferir que a partir do ano 2000 o cenário mundial foi muito favorável às exportações brasileiras em decorrência de acontecimentos tais como: o aumento das áreas livres de febre aftosa no Brasil e a implantação de sistemas de controle da carne produzida no país visando atender às exigências dos mercados externos; as sucessivas crises de abastecimento mundial provocada pelo aparecimento da encefalopatia espongiforme bovina nos rebanhos europeus, que favoreceu a exportação da carne bovina brasileira por ser quase que exclusivamente originada de animais criados sob sistema de pastejo; e as crises econômicas e sanitárias na Argentina, ocasionadas pelo surgimento de surtos de febre aftosa.

TABELA 3 - Exportações mundiais de carne bovina, em mil toneladas equivalente-carça.

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Brasil	287	370	541	554	789	929	1208	1630	1857	1964
Austrália	1184	1268	1270	1338	1399	1366	1264	1394	1413	1400
Índia	215	245	224	349	370	417	439	499	620	675
N.	510	488	443	485	496	486	558	606	589	625
Zelândia										
Canadá	382	428	492	523	575	610	384	560	553	550
Argentina	458	303	359	357	169	348	386	623	759	500
Uruguai	251	218	189	236	145	262	325	410	460	470
EUA*	969	985	1094	1120	1029	1110	1142	209	313	411
EU**	1092	780	897	545	502	485	388	358	250	220
China	103	91	57	54	60	44	43	61	91	100

* Estados Unidos da América, ** União Européia. Adaptado de ANUALPEC (2006).

Sem dúvida, a competência do setor frigorífico e da pecuária brasileira de maneira geral, teve papel importante. No entanto, é necessário admitir que, num cenário internacional de retração de consumo, alguns acontecimentos circunstanciais afetaram os maiores concorrentes do Brasil e várias crises sanitárias ajudaram a configurar um ambiente de oportunidade para a carne brasileira (RODRIGUES, 2004).

VI- PERSPECTIVAS DA ATIVIDADE

O mundo se torna cada vez mais complexo, na era da informação fazer prognósticos pode tornar-se uma aventura constrangedora, mesmo para os mais renomados especialistas. Entretanto, como uma estratégia de reduzir riscos, surge a perspectiva de se realçar pontos relevantes, escolhidos, sobretudo, pelas possibilidades de seus impactos sobre as força indutoras de mudanças, não obstante a rapidez com que os novos cenários tendem a surgir.

Ao considerar a pecuária de corte no Bioma Cerrado, pelo menos três forças indutoras de mudança merecem destaque: a) mudanças climáticas, conseqüentes dos fortes impactos ambientais; b) bionergia; c) barreiras sanitárias e/ou tarifárias.

Ponderações sobre a influência de cada uma delas devem ser realizadas para que se possam predizer suas vantagens e limitações, tendo em vista a produção de carne bovina no Brasil Central e na "Pré-Amazônia".

Pode-se dizer que os pecuaristas tradicionais inicialmente nas regiões pecuárias do Cerrado brasileiro e, mais recentemente na "Pré-Amazônia", sempre viveram de: a) derrubar matas; b) implantar pastos; c) utilizar a área até que o pasto degrade-se e partir para novas áreas (novas fazendas), expandindo desta maneira o meio produtivo apenas horizontalmente. Essa pecuária extensiva tradicional perdurou por mais de meio século, gerando como um dos seus principais resultados mais de 50 milhões de hectares de pastagens degradadas, que se encontram à espera de uma pecuária alternativa, exigente em investimentos, em busca de recuperação e melhoramento.

O avanço da fronteira agrícola sobre a região Amazônica diminuiu seu passo. E a tendência é a desaceleração ainda maior, comandada por leis de proteção ambiental. Uma delas, a que trata das autorizações de desmatamento, estabelece em 20% o limite máximo para novas áreas.

Até o presente, a finalidade da agricultura era, quase que exclusivamente, a de colocar comida na mesa da população, e a geração de energia representava apenas uma irrelevante parcela. Todavia, os primeiros anos deste século trouxeram consigo uma

inversão nesta equação e, como consequência, a perspectiva de uma alimentação mais cara, cujo cenário se concretiza nos dias atuais.

Para se ter uma idéia de quão profundo pode ser o impacto de tais transformações, um projeto do governo norte-americano propõe reduzir em 20% o consumo de derivados de petróleo naquele país até 2012, substituindo a gasolina pelo etanol. Isso representa um volume de aproximadamente 120 bilhões de litros de álcool por ano. Fazendo um exercício simples, hoje o Brasil produz próximo de 20 bilhões de litros de etanol por ano, a perspectiva de abertura deste mercado gigantesco é suficiente para explicar o porquê da construção de mais de cem novas plantas sucro-alcooleiras no território nacional nos próximos anos. E com elas a necessidade de ocupação de novas áreas para a cultura da cana-de-açúcar, o que certamente envolverá milhões de hectares, muito provavelmente, em áreas, hoje, ocupadas com pastagens degradadas.

Um escritor norte-americano, Lester Brown, chegou mesmo a profetizar que “conflitos no futuro ocorrerão entre redes de supermercados e postos de gasolina”. Independente de tal prognóstico vir ou não a se confirmar, o “aproveitamento” de áreas degradadas de pastagens para o cultivo de grãos e produção de etanol já pode ser considerado um fato consumado.

O mercado internacional da carne tem exigido um maior controle, seja por questão sanitária e/ou por barreiras tarifárias, algumas vezes “justificadas por impactos ambientais” causadas pelo desmatamento de vegetação nativa, para implantação de novas áreas de pastagens. O fato é que vários países vem impondo cada vez maiores exigências à importação da carne brasileira.

Nos últimos anos, uma "elite" de frigoríficos exportadores tem conseguido estabelecer um controle no setor, que não havia no sistema tradicional. E estes frigoríficos vêm tendo grande sucesso na ampliação das exportações, inclusive colocando o Brasil como maior exportador de carne bovina.

Por sua vez, os frigoríficos que atuam apenas no mercado interno, vêm sofrendo os efeitos das mudanças decorrentes das demandas impostas pelo mercado exportador, tendendo a se organizar, ampliando ainda mais a pressão sobre o setor produtivo. No entanto, aos poucos os pecuaristas vão se organizando diante das exigências crescentes de produzir carne de melhor qualidade.

Se for verdade que as mudanças nos sistemas produtivos de carne bovina brasileira são mais lentas, os vários fatores indutores de mudanças prognosticam que estas são inexoráveis.

O Brasil, tanto quanto a maioria dos países sul-americanos representam, hoje com exclusividade, o maior potencial para atender mercados importadores. No que se refere à carne, isso é ainda mais relevante ao analisar as catástrofes ocorridas como a vaca louca e a gripe aviária. É imperativo lembrar que no Brasil, cerca de dois terços do território que é agricultável ainda está coberto por vegetação nativa. As novas imposições, tanto relacionadas com o ambiente como com os custos de produção indicam que o setor deverá em um futuro próximo alterar substancialmente o modo de exploração, agora adotando técnicas e manejos que permitam uma melhor dieta animal bem como um aprimoramento genético dos animais.

Assim, cabe aos pecuaristas brasileiros e principalmente aos governantes permitirem que isto aconteça, criando situações favoráveis

para que o Brasil e demais países sul-americanos imponham preços e condições para a comercialização de commodities e, não mais obedecerem às regras infundadas. Produzir computadores, qualquer um faz, mas produzir alimentos é uma dádiva que nos pertence.

VII- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desafio é consolidar as vantagens competitivas e determinar, dentro da própria cadeia produtiva, os novos incrementos possíveis a buscar. A competitividade do agronegócio da carne bovina passou a depender fortemente da aplicação de ciência e tecnologia, assim como a qualidade de informação, da capacidade de transformar os conhecimentos gerados em estratégia de gestão e, sobretudo, na capacidade de coordenação dos processos desde a produção até o consumo interno e mercados globais.

VIII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUALPEC – **Anuário da Pecuária Brasileira**. São Paulo: FNP Consultoria & Agroinformativos. 2006.

CAVALCANTI, M. da R. **Olhando as previsões mirando 2007** [online]. Disponível em: www.beefpoint.com.br. 2007. Acesso em: 12 jan. 2007.

CEZAR, I. M; SKERRATT, S.; DENT, J. B. Sistema participativo de geração e transferência de tecnologia para pecuaristas: o caso aplicado a Embrapa Gado de Corte. **Caderno de Ciência & Tecnologia**, v.17, n.2, p.135-137, 2000.

CNA/CEPEA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil/Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, ESALQ/USP). **Indicadores Pecuários**, n.11 (2004) – n.33 (2006). www.cna.org.br.

CNA/CEPEA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil/Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, ESALQ/USP). **Indicadores Pecuários**, n.33 (2006). www.cna.org.br.

CORRÊA, L. de A.; SANTOS, P. M. Produção de carne em pastagens adubadas. In: Criação de bovinos de corte na região sudeste [online]. Artigo da Embrapa Pecuária Sudeste. 2003. Disponível em: www.sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br

CORSI, M.; MARTHA JÚNIOR, G.B.; BALSALOBRE, M.A.A. ; PENATI, M.A.; PAGOTTO, D.S.; SANTOS, P.M.; BARIONI, L.G. Tendências e perspectivas da produção de bovinos sob pastejo. In: Peixoto, A.M.; Pedreira, C.G.S.; Moura, J.C. et al. (Ed.) **A planta forrageira no sistema de produção**. Piracicaba: FEALQ, 2001. p.3-69.

EUCLIDES FILHO, K. **Produção de bovinos de corte e o trinômio genótipo - ambiente - mercado**. Campo Grande: Embrapa Gado de Corte. 2000. 61p. (Documento 85).

MARTHA Jr., G.B.; VILELA, L. Pastagens no Cerrado: baixa produtividade pelo uso limitado de fertilizantes. 1.ed., Planaltina: Embrapa Cerrados, 2002. 50p. **[Embrapa Cerrados- Série Documentos]**.

MARTHA JÚNIOR, G.B.; BARIONI, L.G.; CEZAR, I.M.; VILELA, L. Sistemas de produção animal em pastejo: um enfoque empresarial. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2002. 33p. **[Embrapa Cerrados – Série Documentos]**.

MARTHA Jr., G.B.; VILELA, L. Custos de produção em sistemas pastoris: efeitos da vida útil do pasto e da taxa de lotação. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2006. [**Embrapa Cerrados - Comunicado Técnico**].

MARTHA JÚNIOR, G.B.; VILELA, L.; MACIEL, G.A. A prática da integração lavoura-pecuária como ferramenta de sustentabilidade econômica na exploração pecuária. In: CONGRESSO DE FORRAGICULTURA E PASTAGENS, 2., SIMPÓSIO DE FORRAGICULTURA E PASTAGENS, 6., 2007. **Anais...** Lavras: UFLA/Núcleo de Estudos em Forragicultura (NEFOR), 2007a.

MARTHA JÚNIOR, G.B.; VILELA, L.; BARIONI, L.G.; BARCELLOS, A.O.; SOUSA, D.M.G. Viabilidade econômica da adubação nitrogenada e sulfatada de pastagens no Cerrado. In: VITTI, G.C.; YAMADA, T. (Ed.) **Nitrogênio e Enxofre na Agricultura**. Piracicaba: POTAFOS, GAPE/ESALQ. 2007b. (no prelo).

MARTHA JÚNIOR, G.B.; VILELA, L.; BARCELLOS, A.O.; SOUSA, D.M.G.; BARIONI, L.G. Pecuária de corte no Cerrado: aspectos históricos e conjunturais. In: MARTHA JÚNIOR, G.B.; VILELA, L.; SOUSA, D.M.G. (Eds.) **Uso eficiente de fertilizantes em pastagens no Cerrado**. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2007c. (no prelo).

MARTHA JÚNIOR, G.B.; VILELA, L.; BARCELLOS, A.O. A planta forrageira e o agroecossistema. In: PEDREIRA, C.G.S.; MOURA, J.C.; SILVA, S.C.; FARIA, V.P. (Eds) **As pastagens e o meio ambiente**. (SIMPÓSIO SOBRE O MANEJO DA PASTAGEM, 23). Piracicaba: FEALQ, 2006. p.87-137.

NEHMI FILHO, V.A. **Como calcular custos e lucros.** In: ANUALPEC 2000: Anuário da Pecuária Brasileira. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio. Ed. Argos, 2000. p.100-104.

NUNES, R.; FORMIGONI, I.B.; BRUMATTI, R.C. As relações entre os segmentos de cria e engorda na era do Real. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ECONOMIA E GESTÃO ,3, Ribeirão Preto, PENSA, 2001.

POLAQUINI, L. E. M.; SOUZA, J. G. de; GEBARA, J. J. Transformações técnico-produtivas e comerciais na pecuária de corte brasileira a partir da década de 90. **Revista Brasileira de Zootecnia.** Viçosa, v. 35, n.1, p. 321-327, 2006.

RODRIGUES, N. R. P. Novos parâmetros na seleção do Zebu - o impacto da sanidade animal nas exportações da carne bovina brasileira. **Apostila do curso de noções em morfologia e julgamento de zebuínos.** Ed. ABCZ. Uberaba. 178p. 2004.

SCHERING-PLOUGH **Boletim Carnes/ Junho de 2007.** São Paulo: MBAgro, 2007, 9p.

USDA - United States Department Agriculture. Disponível em: <http://www.usda.gov>. Acesso em 5 jun 2007.

VILELA, L.; MARTHA JÚNIOR, G.B.; BARIONI, L.G.; BARCELLOS, A.O.; ANDRADE, R.P. Pasture degradation and the long-term sustainability of beef cattle systems in the Brazilian Cerrado. **Center for Applied Biodiversity Science**, Washington, v.7, 2007. (no prelo).

YOKOYAMA, L. P.; KLUTHCOUSKI, J.; OLIVEIRA, I. P. Impactos socioeconômicos da tecnologia "Sistema Barreirão". Santo Antônio de

Goiás: EMBRAPA-CNPAF, 1998. 37p. [**EMBRAPA-CNPAF-BOLETIM DE PESQUISA**].